

**Sujeitos em transformação:
visualidades, narrativas, homossexualidades**

Tales Gubes VAZ
Orientadora: Leda Maria de Barros GUIMARÃES
Co-orientador (UnB): Belidson DIAS

Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual
tales.gubes@gmail.com
Órgão financiador: CAPES

Palavras-chave: cultura visual, teoria *queer*, narrativas

Durante meus estudos de graduação em Comunicação Social, aproximei-me de muitos significados possíveis para o conceito de cultura, afastando-me da noção de que determinados objetos seriam por natureza superiores a outros, e, portanto mais valiosos sob o escopo da academia. Já na especialização em Expressão Gráfica, tomei conhecimento de linhas de pensamento pós-estruturalistas, que me ajudaram a formular um objeto de pesquisa que concatenasse meus interesses: (homos)sexualidade e narrativas visuais.

Minha pesquisa iniciou-se com o projeto de analisar histórias em quadrinhos (HQs) e, a partir delas, observar os discursos sobre homossexualidades. Na busca por um objeto específico de análise a ideia era fazer um recorte nos quadrinhos underground brasileiros nos quais a temática da homossexualidade compunha as narrativas satíricas e provocadoras, como por exemplo a personagem Muriel do cartunista Laerte.

No decorrer da vida acadêmica da pós-graduação tive a oportunidade de entrar em contato com *Laila*, uma revista em quadrinhos criada na região do Cariri com o objetivo de combater o preconceito contra travestis. O público-alvo da HQ eram estudantes de escolas públicas de uma cidade do interior do Ceará. Como exercício problematizei a visualidade elaborada para a protagonista, uma travesti, mostrada na história como uma personagem feliz, sem problemas, extremamente feminina e sensual, cuja travestilidade foi trabalhada como um elemento secundário. A partir desse questionamento,

busquei argumentar sobre as possibilidades do uso da revista enquanto ferramenta pedagógica.

Até aquele momento, aprofundar a investigação em torno da revista era uma opção que se delineava, pois ali havia a conjugação das minhas inquietações iniciais a respeito das construções de narrativas sobre homo(sexualidade) com a nascente aflição frente à invisibilidade das mesmas nas agendas pedagógicas. Mais do que observar a constituição de uma personagem cuja sexualidade não era hegemônica, interessou-me notar como os objetivos pedagógicos da revista, a saber, o objetivo de combater o preconceito contra travestis, foram estabelecidos e colocados em prática.

No entanto, uma outra experiência provocou deslocamentos na “trajetória deambulante” do processo de definição dos meus caminhos investigativos: em janeiro e fevereiro ministrei, na Licenciatura em Artes Visuais na FAV/UFG, na modalidade de educação a distância, dois cursos de extensão cujos temas envolviam sexualidade, educação e artes visuais. O propósito dos cursos era debater com os estudantes questões de sexualidade, tais como gêneros, desejos, corpos etc. Apesar da brevidade da experiência, diversas inquietações foram despertadas, levando-me a procurar outras estratégias de aproximação com meu tema.

Antes de apresentar o resultado desses deslocamentos, é importante ressaltar outros entrelaçamentos teóricos, conceituais e afetivos que dão sentidos aos deslocamentos dessa trajetória. No Programa em Cultura Visual, na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, tomei contato com teóricos da cultura visual, pesquisas da teoria *queer* e, talvez o mais importante, sujeitos envolvidos em estudos sobre os mesmos temas que me movem. A cultura visual, enquanto um campo pós-disciplinar, se propõe a estudar não somente imagens e seus usos, mas como essas imagens e usos são constituídos através de relações sociais e históricas e, ao mesmo tempo, essas relações constroem os modos como lidamos com as imagens e as usamos. As características assumidas ou impostas pelos sujeitos que vivenciam seus cotidianos, não apenas na escola, embora ela seja um dos principais ambientes de socialização, geram expectativas e condicionam as possibilidades de atuação desses sujeitos. Mesmo as categorias aparentemente mais naturais, como infância, adolescência, raça, gênero e

orientação sexual, são construtos sociais e, como tais, têm uma história vinculada a relações de poder conflituosas em que se estabelecem critérios de normalidade e de desvio. Esses critérios são questionados pela teoria *queer*, que inicia suas discussões reunindo reflexões oriundas do feminismo, do pós-estruturalismo e dos estudos gays e lésbicos. O *queer* que acompanha e nomeia a teoria surge como uma jocosa ironia, na medida em que se apropria de um xingamento para se posicionar criticamente a favor do que é ofendido. Traduzindo do inglês, *queer* significa estranho, e por derivação adquire sentidos de bicha, viado, sapata. É aquilo que não se encaixa e causa desgosto, que não pertence. Tomado como um ponto de partida para uma ressignificação, os teóricos assumem-se como estranhos, como corruptores: a teoria *queer* não tem a intenção de ser mais um campo teórico, mas sim de questionar a estabilidade de conceitos naturalizados e/ou normalizados e desafiar a noção de identidades fixas. O terceiro ponto que me auxilia a refletir, além da cultura visual e da teoria *queer*, é o contato com colegas que se tornaram amigos, bem como companheiros de questionamentos e sistemáticas dúvidas sobre as possibilidades da experiência vivida se somar aos procedimentos científicos. Nossas convivências geram poluições, atravessamentos, aproximações e auxiliam na elaboração de outros modos de pensar o ato de pesquisa.

Considerando o relato dos diversos momentos da minha trajetória, causadores de embates epistemológicos e metodológicos, aproximei-me de preocupações com o campo da educação. Tendo em vista a emergente condição de que a educação contemporânea contemple o tema da sexualidade para além de conceitos hegemônicos, hierarquizados e heteronormativos, chego no atual momento interessado em investigar os discursos sobre homossexualidades de professores em formação indagando sobre que visualidades são elaboradas, ignoradas ou desviadas nas narrativas sobre (homos)sexualidades de professores de artes visuais em processo de formação? A fim de estudar essa questão necessito problematizar ao menos três conceitos: visualidade, (homos)sexualidade e educação. Compreendendo o que eles podem ser e como podem se relacionar entre si, serei capaz me aproximar de algum tipo de resposta, certamente não decisiva ou conclusiva. Meu objeto de análise é composto, então, de uma série de artefatos e

experiências que revelam uma trilha que venho atravessando, construindo e colhendo frutos ao longo dos meus estudos. Em primeiro lugar, a revista *Laila* tem o importante papel de haver deflagrado as atuais inquietações sobre usos e possibilidades de quadrinhos para desestruturar preconceitos. Embora minha postura inicial frente à publicação fosse de considerá-la ineficaz para seus propósitos, mediante reflexão percebi que eu mesmo não saberia o que fazer fosse *minha* a tarefa de elaborar tal projeto. Em um segundo momento, o curso que ofereci rendeu-me inúmeros intercâmbios e novos olhares sobre questões que até então eu só havia tomado contato por experiências pessoais ou através do acesso conferido pelos teóricos que estudo. Conversando com outros sujeitos que estão interessados em investigar as mesmas questões, mas que têm diferentes bagagens de conceitos e vivências, orientei-me a buscar aproximações que não apenas as possibilitadas pelos cursos.

O desejo de retornar a essas duas experiências, da revista e dos cursos, com o olhar de quem já as viveu e, portanto, munido de um aparato reflexivo mais apropriado, colaborou para a elaboração de duas novas proposições de investigação. Em primeiro lugar, contatando os estudantes (futuros arte educadores) em busca de colaboradores, proponho a formação de um grupo de discussões sobre a revista *Laila*, suas possibilidades como ferramenta pedagógica de confronto a preconceitos e seus discursos sobre sexualidades não-heterossexuais. Essas discussões serão orientadas por tópicos-guia, de forma a focar os debates em pontos importantes para minha investigação, mas sem desconsiderar preocupações que possam surgir no decorrer do percurso. Em segundo lugar, proponho a construção de histórias em quadrinhos cujos personagens sejam homossexuais, requisitando que meus colaboradores se posicionem no lugar dos sujeitos que construirão para desenhar em quadrinhos. O exercício de se colocar no lugar do outro, mesmo que apenas com o auxílio da imaginação, tem se revelado um importante aliado nas análises que tenho empreendido sobre sexualidades e os discursos a esse respeito. Olhar da perspectiva do outro oferece pistas para a compreensão dos valores e formas de pensar envolvidas nos processos estudados.

Não sendo possível desvencilhar minhas inquietações e motivações da minha própria trajetória não apenas enquanto pesquisador, mas também como sujeito envolvido com essas visualidades e narrativas, assumo que eu mesmo

me sinto na condição professor em processo de formação, experiência me será útil para pôr em debate as vivências e narrativas que pretendo analisar, pois percebo-me inserido num processo similar ao que vivem meus colaboradores de pesquisa. Meu estudo é, ao mesmo tempo, um olhar lançado sobre sujeitos em formação e o relato de um sujeito experimentando uma trajetória semelhante, e propõe discutir como a educação pensa ou pode pensar questões usualmente deixadas de lado, tal como as sexualidades, em particular as que não conformam os modelos de normalidade. Colocar tal problema sob perscrutação abre espaço para uma dissolução de preconceitos e a busca de soluções (ou alternativas) para exclusões que têm lugar constante no âmbito educacional.

Neste momento, estou preparando o convite aos colaboradores selecionados entre os estudantes do curso que ministrei. O processo da pesquisa de campo será no espaço virtual, que oferece uma relação temporal diferente que a modalidade presencial, mais estendido, entre os participantes do processo de aprendizagem. Além disso, o ambiente virtual traz a facilidade de registro das discussões, narrativas e produções, bem como dados sobre acessos, leituras e interações que me fornecerão suporte para refletir, questionar e problematizar as concepções e redimensionamentos possíveis do olhar para o tema sexualidade e a necessidade de reconstruir outros saberes sobre o tema. Em vista à interpretação e análise, procurarei mapear relações e conexões entre o discurso visual e o discurso sobre o visual que perpassará questões/provocações em torno de homossexualidade e educação na agenda de professores em formação em qualquer modalidade de ensino.